



DIVERSIDADE, RELIGIÃO E POLÍTICA

■ ZENY ROSENDAHL, DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA/UERJ.

Na geografia brasileira, os estudos que estabelecem relações entre religião e o espaço vêm sendo estimulados no Rio de Janeiro, na UERJ, com o grupo de pesquisadores ligados ao NEPEC – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura – criado em 1993, no Departamento de Geografia. Os trabalhos teóricos e as pesquisas empíricas desenvolvidos por orientandos, alunos e bolsistas, ao longo desses anos, resultaram em monografias de graduação e de pós-graduação em geografia. Assim, neste número, a Revista *Espaço e Cultura* apresenta alguns desses trabalhos.

Os artigos representam exemplos do conjunto de temas que, em si, constituem a proposta elaborada e introduzida por Rosendahl (1994, 1996) a partir de estudos em Geografia da Religião. Este conjunto temático ao qual nos referimos é composto por quatro temas. O primeiro denomina-se fé, espaço e tempo – difusão e área de abrangência; enquanto o segundo, centro de convergência e irradiação. O terceiro refere-se à religião, território e territorialidade e, finalmente, o quarto espaço trata de lugar sagrado-vivência, percepção e simbolismo.

O primeiro tema que interessa aos geógrafos focaliza o estudo das principais crenças religiosas, interpretando suas origens, a difusão da fé no espaço e os agentes que desencadearam o espaço-temporalidade da religião. O geógrafo, como estudioso da religião, considera a dialética da rela-

ção entre religião e ambiente. Isaac (1959-60), Büttner (1985) e Kong (1990) argumentam que é necessário mostrar que influência a religião tem sobre as pessoas, sua civilização, seus costumes, mas, por outro lado, devem ser mencionadas as influências externas que levam à modificação da religião considerada. E a perspectiva que nos interessa está, sem dúvida, na experiência da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre. O impacto da religião na paisagem não está limitado somente às características visíveis, tais como locais de culto, apesar destes mostrarem mais claramente formas e funções religiosas, mas também na experiência da fé que nos fornecem símbolos e mensagens, algumas inteligíveis somente aos que comungam a mesma fé.

O segundo tema proposto reconhece a materialização do sagrado nas hierópolis ou cidades santuários. O deslocamento de peregrinos em direção aos lugares sagrados envolve espaço e tempo. A peregrinação constitui um acontecimento notável, comum à maioria das religiões, inserindo-se em diferentes contextos culturais. Em relação à peregrinação há, de acordo com as diversas religiões, um conjunto de símbolos que estão associados a uma experiência religiosa ou a uma concepção religiosa do mundo (Eliade, 1991). O uso específico de mitos e ritos que variam de cultura para cultura é o ponto que merece destaque nos estudos (Mauss, 1979).

A religião, por outro lado, pode ser examinada no contexto geográfico relacionado à apropriação de determinados segmentos do espaço. Os geógrafos da religião focalizam padrões espaciais que refletem o controle de pessoas e coisas, grupos religiosos e instituições sobre territórios. Finalmente, é possível ao geógrafo analisar a vivência e percepção no espaço e atribuição de significados religiosos ao espaço. Sobre este quarto tema consulta-se, entre outros, a obra fundamental de Eliade (1959 e 1962) e Yi Fu Tuan (1978), que argumentam que o verdadeiro significado do sagrado vai além de imagens, templos e santuários, porque as experiências emocionais dos fenômenos sagrados são as que se destacam da rotina e do lugar comum.

Tanto as religiões tradicionais como as novas modalidades menos elaboradas favorecem a relação do homem com o sagrado e, no que concerne à singularidade de cada lugar sagrado, é oportuno ressaltar a relação tempo-lugar e as práticas devocionais realizadas, como aponta Rosendahl (1997, 1999).

Em consonância com o temário, os artigos que se seguem reconhecem o sagrado e sua espacialidade. Vejamos:

FÉ, ESPAÇO E TEMPO

O primeiro artigo intitula-se "A Igreja Presbiteriana do Brasil: difusão espacial da fé e área de abrangência no País", enquanto o segundo, "Tempo: difusão e espacialidade da Igreja Batista no Rio de Janeiro". Estes estudos foram realizados respectivamente por Roseli Moraes de Vasconcelos e Marilze Carvalho de Mattos. As autoras abordam as formas em que a mensagem da fé ocorreu no espaço brasileiro, partindo de seus lugares de origem.

A difusão da fé torna-se particularmente importante para a geografia ao se refletir sobre a ação missionária da expansão de idéias e condicionamentos simbólicos, algumas vezes resolvida através de trocas dramáticas no processo de aculturação numa sociedade fortemente marcada pela identidade católica.

Roseli Moraes de Vasconcellos e Marilze Carvalho de Mattos descrevem como o trabalho missionário contribui na transformação de determinados espaços, imprimindo neles a vivência da fé. As autoras enfatizam em suas abordagens o que o geógrafo Park (1994, p. 227) afirma: "a fé é uma experiência tão visual quanto emocional."

Em contexto político-religioso diferente, o artigo de Sandy de Jesus representa a concretude de uma religião da vida. A fé que investe o crente de liberdade, liberdade de justiça proclamada na Conferência dos Bispos de Medellín e que somente a partir da segunda metade da década de 1970 é que vai produzir uma verdadeira transformação no campo católico, que possibilita um "reencontro da Igreja que realiza sua opção pelos pobres e o povo real, crente e oprimido, com todos os seus anseios de justiça e suas expressões religiosas características" (Parker, C. 1995, p. 197). Sandy de Jesus fala de um assentamento específico, procurando mostrar a vivência dos homens, mulheres e crianças no Tempo de Romarias, isto é, uma forma cooperativada de organização, ocupação e assentamentos. Tempo de Romarias é o momento na vida em que se concretiza a tomada da terra. A pesquisa confirma a presença aliada da Comissão Pastoral da Terra nos sucessivos arranjos espaciais, a qual, sem dúvida, é uma mediadora forte na comunidade de Seropédica em território fluminense.

Os três artigos mostram claramente o impacto da religião na paisagem. A marca religiosa pode ser verificada em diferentes escalas geográficas. Os exemplos da fé presbiteriana no Brasil, a fé batista na cidade do Rio de Janeiro e a fé católica no assentamento.

SANTUÁRIOS URBANOS E O CATOLICISMO POPULAR NO RIO DE JANEIRO

Os centros de peregrinação ou hierópolis apresentam, independente do contexto cultural em que se localizam, algumas características comuns, repetitivas, e outras que descrevem suas singularidades. Assim, é possível delimitar, em cada centro de peregrinação, o *espaço sagrado* – caracterizado por sua sacralidade máxima, expressa por uma materialidade à qual se atribui grande valor simbólico – e, de outro lado, o *espaço profano*, em torno do espaço sagrado, caracterizado pela existência de elementos que não possuem sacralidade.

O espaço sagrado de numerosos santuários católicos possui a carga simbólica do catolicismo popular, isto é, o fervor místico, o mistério e o milagre. As romarias aos santuários urbanos ocorrem nas festas do padroeiro ou nas festas do calendário mariano, como a festa de Nossa Senhora da Glória, em agosto, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora da Penha, em outubro, e a festa do dia 8 de dezembro, quando, em todo o continente americano, se celebra o dia da Imaculada Conceição, festa religiosa bastante concorrida em inúmeras localidades.

As festas religiosas urbanas, ao contrário das festas religiosas nos centros rurais afastados, adquirem um sentido mais modesto e de curto período de tempo, mas mesmo assim representam uma

função de renovação espiritual. A festa revitaliza a vida quotidiana e rotineira. A visita ao santuário e as práticas devocionais realizadas pelos peregrinos produzem uma clara organização espacial centrada no sagrado. É possível comparar o santuário de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, estudado por Maria da Graça, com outro santuário católico, o Santuário Mariano de Nossa Senhora da Penha de França, estudado por Simone H. Ribeiro.

Os dois centros de peregrinação possuem características comuns, entre elas: (a) a forma periódica das peregrinações com fluxos periódicos e sistemáticos de romeiros, apresentando o fluxo de maior intensidade no tempo sagrado da festa; (b) a estrutura comercial vinculada às necessidades do romeiro como aquelas de alimentação, transporte, hospedagem dentre outros; e (c) o roteiro devocional de práticas religiosas no espaço sagrado e no espaço profano diretamente vinculado ao sagrado.

Os santuários da ermida da Glória e da ermida da Penha representam as características político-religiosas do período denominado por Azzi (1979) de "ciclo lusitano das romarias no Brasil". Tal denominação qualifica o templo religioso pela ênfase na semelhança ou continuidade entre o culto neles celebrado e aquele realizado em Portugal. A devoção religiosa passa a ser uma forma de demarcar a identidade portuguesa diante da nacionalidade brasileira, tão fortemente marcada no final do século XVIII.

A contribuição dos estudos às ermidas da N. S. da Glória e N. S. da Penha está em se apontar a diversidade de seus freqüentadores e na gênese de suas respectivas Irmandades. A identidade religiosa portuguesa aristocrata da família real confe-

re com sua freqüência e devoção ao lugar – a ermida da Glória – o status de nobre ao santuário. Acrescenta-se o fato de que D. Pedro II confere o título de Real Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro à irmandade responsável pelo santuário, que permanece até os dias de hoje com tal denominação. Os estudos revelaram que as romarias declinam no período republicano. O santuário não apresenta um fluxo representativo das classes populares como ocorre nas sucessivas festas na ermida da Penha.

A contribuição de Simone Himmelspach Ribeiro é valiosa porque ela nos relata a característica popular das Festas da Penha. A festa religiosa, tradicionalmente organizada pela Irmandade, convive com os festejos populares realizados no sopé da colina. A banda de música e os conjuntos musicais organizavam-se em shows. A festa de aspecto tipicamente português-colonizador foi se transformando com o decorrer dos anos. Nas primeiras décadas do século XX, a festa da Penha era comparada com os festejos do carnaval. Era um evento no qual os primeiros sambistas cariocas como Donga, Pixinguinha, Sinhô, Heitor dos Prazeres e Caninha lançavam seus sucessos antes do fervor da era do rádio.

TERRITORIALIDADE E RELIGIÃO _____

É oportuno ressaltar que os quatro temas propostos por Rosendahl (1996) não são mutuamente excludentes entre si, mas, ao contrário, interpenetram-se. Assim, nos exemplos de territorialidade e religião de uma determinada fé podem ser encontrados elementos da difusão da referida fé no espaço e no tempo em que ela ocorre. Cada religião tem uma determinada área de abrangên-

cia, mas em razão de diferenças culturais é possível encontrar diferenças espaciais no âmbito de uma mesma religião.

No final do século XIX, batistas, presbiterianos, metodistas e luteranos tiveram bastantes conflitos ao se estabelecerem no Brasil. Diante da sociedade brasileira católica o comportamento religioso prezado pelos missionários revela-se contrário às tradições brasileiras. Roseli Vasconcellos e Marilze Mattos abordam o comportamento estratégico adotado pelas minorias religiosas dentro do domínio religioso católico e o esforço desempenhado pelos missionários na conversão de novos adeptos. As interações entre os diferentes sistemas estão de acordo com aquelas analisadas teoricamente à luz da geografia de Sopher (1986) e Park (1994). Segundo Sack (1987) e Jackson e Hudman (1990), a territorialidade de uma dada religião é influenciada pela natureza da organização religiosa. A territorialidade tende a acompanhar a ampliação ou diminuição organizacional do próprio sistema religioso.

É oportuno ressaltar que um dado lugar pode ser usado como um território em um dado tempo e num outro não. O geógrafo Sopher (1967) aborda o comportamento estratégico adotado por minorias religiosas dentro de domínios religiosos maiores e ao considerar tais comportamentos resalta três tipos evidenciados em razão de conceitos religiosos e da história religiosa das comunidades analisadas. A territorialidade religiosa pode caracterizar-se por: (a) coexistência pacífica, (b) instabilidade e competição, e (c) intolerância e exclusão.

Entre os estudos realizados no NEPEC, além dos de Roseli e Marilze, merecem destaque o de

Adriana Carvalho Costa, que representa uma contribuição valiosa. A autora aborda o poder econômico e territorial dos jesuítas no Brasil Colônia em trabalho intitulado "A Organização Espacial da Companhia de Jesus no Estado do Rio de Janeiro nos Séculos XVI ao XVIII". Trata-se de um estudo que reflete a preocupação de focalizar a dimensão espacial religiosa e suas expressões materiais e simbólicas em sua territorialidade fluminense. A Companhia de Jesus é analisada como uma instituição religiosa, social e econômica. O estudo evidencia, talvez, a mais forte rede religiosa no Brasil. O sistema religioso jesuítico, no período abordado, possuía uma diversidade notável de atividades. A sua atuação, quer econômica, quer política e religiosa representava um conjunto interconectado entre si e centrado no poder religioso cuja localização era a sede da colônia no Rio de Janeiro

No contexto político do século XX e também ligado a um lugar específico "O Movimento de Renovação Carismática Católico" é pesquisado na Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. A importância deste texto, de autoria de Sandy de Jesus, está em reconhecer a vivência religiosa dos devotos e a territorialidade deste movimento religioso. Em nossos dias o mapeamento das religiões cristãs torna-se oportuno e fundamental na identificação precisa dos diversos grupos que constantemente surgem no espaço. A perda do perfil das igrejas tradicionais, inclusive a católica, com o crescimento interno do Movimento Carismático Católico e recentemente, em São Paulo, com o fervoroso estilo de Padre Marcelo Rossi com suas missas-espetáculos, representa um campo novo aos geógrafos

que é o de elucidar a origem e disseminação dessa mensagem religiosa.

Embora apresentemos, neste número da Revista *Espaço e Cultura*, apenas seis de um conjunto maior de monografias da temática geografia e religião, não poderíamos deixar de mencionar os trabalhos desenvolvidos e já defendidos por orientandos, desde a criação do NEPEC.

1997- Luciana Corrêa, monografia de Licenciatura de final de curso, UERJ, sob o título *Espaço Sagrado e Espaço Profano no Santuário Nossa Senhora Aparecida (SP)*

1997- Sandy Regina Cadete Barbosa de Jesus, monografia de final de curso de Licenciatura em Geografia, UERJ, sob o título *A Pastoral da Terra: Poder, Religião e Cultura*.

1997- Madaí Chaves Figueiredo, monografia de final de curso de Licenciatura em Geografia, UERJ sob o título *Urbanização da Barra da Tijuca e a Difusão Religiosa das Igrejas: Católica Apostólica Romana, Assembléia de Deus e Universal do Reino de Deus*.

1997- Ilza da Cunha Lima, monografia de final de curso de Licenciatura em Geografia, UERJ, sob o título *O Comércio dos Bens Simbólicos no Mercado de Madureira*.

1998- Roseli Moraes de Vasconcellos, monografia de final de curso de Licenciatura em Geografia, UERJ, sob o título *Difusão e a Espacialidade da Igreja Presbiteriana no Brasil*.

1998- Marilze Mattos, monografia de final de curso de Licenciatura em Geografia, UERJ, sob o título *Difusão da Igreja Batista no Rio de Janeiro*.

1998- Fátima Araújo, monografia de final de curso de Licenciatura em Geografia, UERJ, sob o título *Difusão e Distribuição Espacial dos Templos Messiânicos na Cidade do Rio de Janeiro*.

1998- Liliam de Mendonça Miceli, monografia de licenciatura de final de curso, UERJ, Departamento de Geografia, sob o título *(Re) conhecendo a Rede de Ensino Metodista no Brasil: um olhar geográfico*.

1998- Neusa Amaro de Oliveira, monografia de licenciatura de final de curso, UERJ, Departamento de Geografia, sob o título *As Testemunhas de Jeová: Estudo da Dimensão Espacial na Ilha do Governador*.

1998- Simone Maria Himmelspach Ribeiro, monografia de final de curso, UERJ, sob o título *Espaço Sagrado da Penha: Trezentos e sessenta e três anos de religiosidade popular no Santuário Mariano de Nossa Senhora da Penha de França*.

1998- Adriana de Carvalho Costa, monografia de final de curso, UERJ, sob o título *O Poder Econômico e Territorial dos Jesuítas no Brasil Colônia: Rio de Janeiro nos séculos XVII ao século XVIII*.

1999- Simone Nunes Moreira, monografia de Licenciatura de final de curso, UERJ, Departamento de Geografia, sob o título *Territorialidade Leiga no Rio de Janeiro: Irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, R. As Romarias no Brasil. *Religiosidade Popular. Revista de Cultura*, Vozes, 73, V. LXXIII, maio, nº 4, p.39-55, 1979.

BÜTTNER, M. et al. Zur Geschichte und Systematik der Religionsgeographie. *Geographia Religionum. Interdisziplinäre Schriftenreihe zur Religionsgeographie*. Band 1. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, p. 15-122, 1985.

ELIADE, M. L'espace sacré: centre du monde. In: *Traité d'histoire des religions*. Paris: Payot, p. 314-329, 1959.

_____. *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Tradução por Rogério Fernandes. Lisboa: Edições Livros do Brasil, 1962.

_____. *Imagens e Símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ISAAC, E. Religion, landscape and space. *Landscape*. California: nº 9, p. 14-18, 1959-60.

JACKSON, R. e HUDMAN, L.E. *Cultural Geography, people, places and environment*. St. Paul: West Publishing Company, 1990.

MAUSS, M. Marcel Mauss. *Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1979.

PARK, C.C. *Sacred Worlds*. An introduction to geography and religion. London: Routledge, 1994.

PARK, C. *Religião Popular e modernização capitalista: outra lógica na América*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

ROSENDAHL, Z. *Porto das Caixas. Espaço Sagrado da Baixada Fluminense*. São Paulo: Departamento de Geografia, USP. Tese de Doutorado, 1994.

_____. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

_____. O Sagrado e o Espaço. In: CASTRO, I.E., GOMES, P.C. e CORRÊA, R.L. (org.) *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *O Sagrado e o Urbano*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

SOPHER, D. *Geography of Religions*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.

TUAN, Y.F. Sacred Space. Exploration of an idea. In: BUTZER, K. *Dimensions of Human Geography*. Department of Geography. Chicago: The University of Chicago, Chicago Research Paper, 1978.